

I Domingo da Quaresma (21/02/2026)

O coração humano está cheio de contradições e divisões. Queremos fazer o bem, mas muitas vezes praticamos o mal. Sabemos qual é o caminho que conduz à felicidade, mas escolhemos aquele que nos leva à desgraça. Ansiamos pelo infinito, mas prendemo-nos às coisas finitas. Sabemos que temos uma vocação para o Alto, mas vivemos enredados nas realidades terrenas. Temos uma fome infinita de comunhão com os outros, mas encontramos dificuldade em viver em paz e em harmonia com os irmãos.

A cultura judaico-cristã explica essa contradição à luz da presença do mal e do pecado. Mais do que definir o que é o mal ou determinar a sua origem em termos abstratos, a Bíblia constrói uma narrativa sobre a presença do mal no coração humano. O chamado pecado original, narrado no livro do Génesis — e que escutamos na primeira leitura — apresenta o relato do pecado das origens, que continua a marcar a condição humana. Ao situá-lo nas origens, afirma-se que todos nós, sem exceção, somos afetados por essa realidade. Desde o seio materno, porque vivemos em comunhão uns com os outros e respiramos a cultura que nos envolve, participamos dessa condição marcada pelo pecado, isto é, o mal interfere na nossa existência.

Jesus, ao assumir plenamente a nossa natureza humana, também enfrentou as seduções do mal. As chamadas tentações de Jesus constituem um paradigma de todas as tentações que podem assolar o coração humano. Se olharmos com atenção para o relato evangélico, descobrimos precisamente isso. Por um lado, o mal procura sempre afastar-nos de Deus e dos irmãos. Começa por dizer a Jesus: «Se és Filho de Deus». Toca no essencial da sua vida, que é a relação filial com o Pai. Procura levá-lo a abandonar a comunhão obediente com o Pai, instrumentalizando essa condição em proveito próprio.

A primeira proposta consiste em transformar as pedras em pães. Trata-se da grande tentação do ter, isto é, da absolutização dos bens materiais. É a tentação de saciar a nossa fome de infinito com coisas finitas, de alimentar o desejo de eternidade com os bens deste mundo. Quando cedemos a essa tentação, facilmente colocamos tudo e todos ao nosso serviço. Valores essenciais, como a verdade e o amor, perdem o seu lugar. A tentação do ter afasta-nos de Deus e dos irmãos. Basta pensar nas divisões familiares causadas por heranças e partilhas. A avareza fecha o coração à comunhão. O avarento dificilmente reconhece nos outros irmãos; tende a vê-los como concorrentes ou adversários. O bem-estar alheio e a prosperidade dos outros despertam nele a inveja, revelando como o apego desordenado aos bens corrói as relações humanas.

A segunda proposta é lançar-se do pináculo do templo. Trata-se da tentação da fama, do exibicionismo, do desejo de aparecer e de se impor diante dos outros. É uma tentação profundamente presente no coração humano e não menos corrosiva do que a tentação do ter. Quanto mais frágil é a pessoa, maior tende a ser a necessidade de se mostrar e de buscar reconhecimento. Também aqui se fragiliza a comunhão. Onde domina o desejo de protagonismo, dificilmente há espaço para a amizade verdadeira. Os outros deixam de ser irmãos e passam a ser

vistos como rivais, capazes de nos tirar o lugar. Se refletirmos com atenção, na origem de muitos conflitos encontra-se precisamente este protagonismo exacerbado. Por vezes, não nos basta ser bons; queremos que os outros pareçam piores do que nós.

Na terceira tentação, o mal mostra a Jesus todos os reinos do mundo e a sua glória. Trata-se da grande tentação do poder. Profundamente ligada às duas anteriores, também ela tem uma força destrutiva. A história humana, antiga e contemporânea, testemunha como a sede de poder gera violência, morte e destruição, apenas para que alguns o mantenham ou o ampliem. Vemos igualmente quantos se servem do poder para proveito próprio, esquecendo o bem comum. Por isso, o tentador convida Jesus a adorá-lo. A lógica do poder absoluto exige sempre uma forma de idolatria. Quem se deixa enredar nas suas teias deixa de olhar para Deus e para os outros, centrando-se apenas em si mesmo. Esta é a raiz de toda a idolatria: a substituição de Deus pelo próprio eu. Poderíamos dizer que se trata do fechamento do sujeito sobre si, numa autossuficiência ilusória que rompe a abertura constitutiva ao Outro e aos outros. A grande idolatria não consiste apenas em adorar falsos deuses exteriores, mas em viver curvado sobre si mesmo, contemplando apenas a própria imagem, sem abertura à transcendência nem à alteridade.

O relato termina com uma palavra de esperança. Porque Jesus resistiu à tentação, o demónio afastou-se, e logo os anjos se aproximaram e O serviram. Nele contemplamos não apenas um exemplo, mas a fonte da nossa esperança. Unidos a Cristo e permanecendo n'Ele, também nós somos capacitados para vencer. Se deixarmos que Jesus habite no nosso coração, a sua presença torna-se força e luz para o nosso caminho. Pela comunhão com Ele, o espírito do mal perde terreno na nossa vida, e a graça abre espaço à liberdade dos filhos de Deus. A vitória de Cristo torna-se, assim, a nossa vitória e a nossa esperança.

Ámen.

P. Emanuel Brandão